

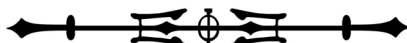
Um estudo sobre os ícones arqueológicos da Praça Barão de Santarém: seus usos e significados

Marcela Nogueira de Andrade¹

Alice de Matos Soares²

Osran da Costa Lopes³

Paulyanne Cota Barreto⁴



RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo analisar como as pessoas se relacionam e se apropriam do passado arqueológico na cidade de Santarém - PA. Visto que há uma ampla representação de artefatos em diversos espaços urbanos do município, definiu-se como área de estudo a Praça Barão de Santarém, conhecida popularmente como Praça São Sebastião. Consideramos que essa praça é o lugar que mais tem representada a diversidade de ícones arqueológicos encontrados na cidade, como a presença de réplicas dos vasos de cariátides e gargalo, estatuetas antropomorfas e muiraquitãs. A metodologia utilizada corresponde à pesquisa bibliográfica e pesquisa de campo com a realização de entrevistas semiestruturadas, reconhecimento do local de estudo e aplicação de questionários aos usuários do espaço. Como resultado, observamos desde um reconhecimento sobre a importância sobre a história da cidade até um desconhecimento. Por fim, identificamos a relevância do papel da arqueóloga e do arqueólogo nesse diálogo multivocal do patrimônio arqueológico com a sociedade.

Palavras-chave: Patrimônio Arqueológico. Ressignificação. Praça Barão de Santarém.

1 Docente da Faculdade de Ciências Sociais e da Pós-Graduação em Antropologia da Universidade Federal do Pará. E-mail: mna.arqueo@gmail.com.

2 Universidade Federal do Oeste do Pará. Instituto de Ciências da Sociedade. E-mail: pretaamazonida@gmail.com.

3 Universidade Federal do Oeste do Pará. E-mail: costaosran@gmail.com.

4 Universidade Federal do Oeste do Pará. E-mail: pbarreto18.pb@gmail.com.

ABSTRACT

The present work aims to analyze how people relate to and appropriate the archaeological past in the city of Santarém - PA. Since there is a wide representation of artifacts in various urban spaces in the municipality, Barão de Santarém square, popularly known as São Sebastião square, was defined as the study area. We believe that this square is the place that has most represented the diversity of archaeological icons found in the city, such as the presence of replicas of caryatids and bottleneck vases, anthropomorphic figurines and muiraquitãs. The methodology used corresponds to bibliographic research and field research with semi-structured interviews, recognition of the study site and application of questionnaires to space users. As a result, we observe from a recognition of the importance of the city's history to a lack of knowledge. Finally, we identified the relevance of the role of the archaeologist and the archaeologist in this multivocal dialogue between the archaeological heritage and society.

Keywords: Archaeological Heritage. Reframing. Barão de Santarém square.

INTRODUÇÃO

Esse artigo foi resultado de uma construção coletiva entre professora, alunas e aluno da disciplina “Tópicos Especiais em Arqueologia Histórica”, ministrada no segundo semestre de 2019 pela primeira autora desse artigo na Universidade Federal do Oeste do Pará (UFOPA). Nos primeiros encontros, cada aluna e aluno partilharam suas expectativas quanto à disciplina, indicando uma diversidade de abordagens e juntos construíram uma temática de estudo.

As autoras e o autor são nortistas, sendo uma de Belém, uma de Manaus e dois de Santarém. Decidimos pesquisar as pensadas invenções, apropriações, ressignificações da sociedade santarena sobre os materiais arqueológicos, os quais vêm sendo representados nos diversos espaços públicos.

Definimos como a área de estudo a Praça Barão de Santarém, conhecida popularmente como Praça São Sebastião devido à localização da igreja homônima. A praça apresenta um ótimo contexto para tal análise, pois é o lugar que mais apresenta a diversidade de representações de materiais arqueológicos no espaço público. Interessante mencionar que, segundo a autora e o autor, nascidos na cidade, em suas infâncias não era um lugar de convivência, devido ser muito distante dos locais de moradia e por significar um custo econômico inacessível. Ela começou a fazer parte de suas vidas na adolescência, utilizada como um espaço de lazer e, a partir do curso de Arqueologia da UFOPA, um novo olhar foi construído. As percepções foram direcionadas à compreensão da representatividade daquelas grandes esculturas, bem como da visita ao museu João Fona, que dispõe de artefatos arqueológicos em exposição.

Realizamos pesquisa bibliográfica e documental tanto em repositórios digitais quanto nas bibliotecas e arquivos históricos da cidade de Santarém. Os arquivos visitados foram: Biblioteca Pública Paulo Rodrigues dos Santos, na Casa da Cultura de Santarém; Biblioteca Boanerges Sena, no Instituto Cultural Boanerges Sena (ICBS); Casa da Memória no Instituto Histórico e Geográfico do Tapajós; e Biblioteca Ruy Barata, na Universidade Federal do Oeste do Pará.

Com relação à pesquisa de campo, foram realizadas visitas na Praça Barão de Santarém com intuito de realizar os registros fotográficos, observar as possíveis interações junto aos ícones arqueológicos, visita ao museu João Fona e aplicação de questionários aos usuários da praça. Também foram realizadas entrevistas semiestruturadas com os artistas que elaboraram tais esculturas e com uma funcionária da Secretaria de Cultura de Santarém.

Assim, buscamos entender o processo de construção desses elementos arqueológicos na praça e a relação das pessoas com esses ícones, bem como seus usos e significados. Importante ainda destacar que o final da disciplina ocorreu em dezembro de 2019. Nos anos seguintes, vivemos a pandemia ocasionada pelo vírus SARS-CoV-2, Covid-19, e suas variantes. Esse cenário impossibilitou a finalização do artigo logo após a pesquisa realizada, sendo apresentada a seguir.

A PRAÇA BARÃO DE SANTARÉM

A cidade de Santarém, em 1850, era dividida em duas partes: a cidade que se estendia ao morro da fortaleza e a aldeia a oeste (SANTOS, 1999). A cidade era limitada pelo referido morro, que para além do mesmo não existia uma ocupação colonial. Uma mudança com relação à ocupação e expansão para além do morro começou com uma sugestão de um engenheiro para a construção de um prédio próprio da Prefeitura de Santarém, já que esta se localizava dentro do espaço da cidade e funcionava em prédio alugado (CANTO, 2015).

A justificativa para que essa nova construção fosse para além do morro da fortaleza era devido ao clima ser mais ameno, visando também à expansão da cidade para outros lados (MACEDO, 2002; FONSECA, 2006a). A princípio, houve protesto, pois as pessoas consideravam muito longe da área urbana; no entanto, a sugestão foi aderida (FONSECA, 2006a; CANTO, 2015).

No ano de 1853, abriu-se um roçado quadrilátero na cidade, a oeste do morro da fortaleza, chamado de “Largo da Municipalidade”, que ficou conhecido também por “Praça da Municipalidade”. Ali se abrigaria conjuntamente a câmara municipal (frente para o rio) e a cadeia pública (frente para sul), dividindo o mesmo espaço às margens do rio (FONSECA, 2006b). A obra foi concluída em 1867, quatorze anos mais tarde, passando a funcionar de fato em agosto de 1868 (FONSECA, 2015).

No mesmo espaço, iniciou-se a construção da capela em honra a São Sebastião, em 1872. A construção da mesma se deu pela promessa do povo em virtude de duas epidemias que assolaram a província: a febre amarela, em 1850; e a cólera morbo, em 1855 (SANTOS, 1999). A igreja começou a funcionar somente em 1878, com a obra inacabada, tendo sua conclusão no ano de 1893 (figura 1).

Figura 1 – Imagem da antiga igreja (construção maior), seguida logo à frente do coreto, do obelisco e da Câmara Municipal às margens do rio tapajós, que dividia espaço com a cadeia pública. Imagem direcionada ao norte



Fonte: ignacioneto.blogspot.com/2012/08/santarem-praca-barao-de-santarem-decada.html?m

Após setenta anos de funcionamento da igreja, o prédio foi demolido para dar lugar, em 1966, à outra mais ampla e “moderna” (FONSECA, 2006b; FONSECA, 2015; CANTO, 2015). Juntamente com ela, foi demolido o coreto que fazia parte da praça. Com essas novas construções, aos poucos as pessoas foram se mudando para o entorno, e assim foi surgindo e crescendo o chamado bairro da Prainha (CANTO, 2015).

A praça, que popularmente era conhecida como São Sebastião, teve seu nome modificado definitivamente em 16 de agosto de 1882, devido à morte do barão Miguel Antônio Pinto Guimarães. Assim, foi sancionada a lei municipal dando à praça da municipalidade o nome de “Praça Barão de Santarém” (FONSECA, 2006a; CANTO, 2015).

Em 1990, o prefeito Ronan Manuel Liberal Lira deu início à construção de uma nova prefeitura, que foi inaugurada em 1991. Assim, a velha prefeitura que atuava na praça foi transformada no que hoje se conhece como museu João Fona (FONSECA, 2015) (figura 2).

Figura 2 – Museu ou espaço cultural João Fona. Foto direcionada ao sul



Fonte: Celso Lobo (2019).

Outros elementos foram construídos na praça além da igreja e do museu João Fona. O Anfiteatro Joaquim Toscano, localizado atrás do museu, foi inaugurado em 1981. Em sua primeira etapa de construção, continha palco e partes externas. Já na segunda etapa, foram adicionados camarim, sala de aquecimento e banheiros (SILVA *et al.* 2013). Ainda pode ser observado o obelisco que foi construído na praça como um símbolo do marco do centenário da Independência do Brasil (figura 3).

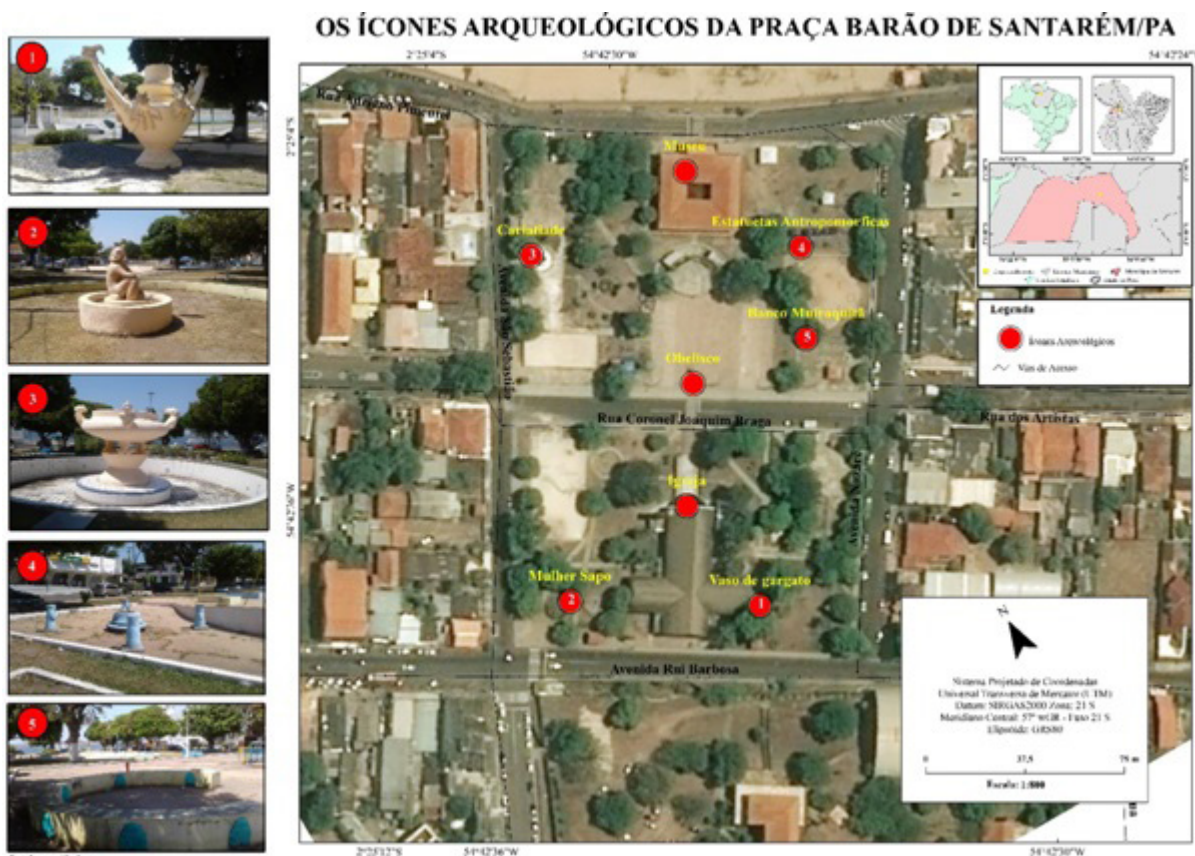
Com relação ao objeto específico de estudo, pode-se observar os elementos na praça que são referentes às representações de materiais arqueológicos. Foram construídas ornamentações como réplicas de vasos de cariátides e gargalo, em tamanho ampliado, e estatuetas tapajônicas, tais como a “mulher sapo” e outros. Também se tem esculpido nos vários bancos da praça a figura do muiiraquitã. Esses elementos de cunho arqueológico, segundo Silva *et al.* (2013), foram elaborados a pedido do prefeito Paulo Imbiriba Lisboa, por Laurimar Leal e Renato Sussuarana, em 1977 (figura 4).

Figura 3 – O obelisco e a atual igreja Barão de Santarém após reforma. Praça atualmente dividida em duas partes pela Rua Coronel Joaquim Braga



Fonte: Paula Barreto (2019).

Figura 4 – Os ícones arqueológicos projetados no espaço da praça: 1. Vaso de gargalo; 2. Mulher sapo; 3. Vaso de cariátides; 4. Estatuetas antropomórficas; 5. Bancos de muiraquitãs



Fonte: Alice Soares, Osran Lopes e Raiza Aquino (ArqGIS).

Feito esse levantamento histórico do processo que levou o que hoje é a Praça Barão de Santarém, o presente trabalho procura trazer uma abordagem de como as pessoas se relacionam e se apropriam desse passado arqueológico, visto que há uma ampla representação deste na cidade, tal como o muiraquitã, tido como um símbolo local e confeccionado de diversas formas.

AS RESSIGNIFICAÇÕES ENTRE PASSADO E PRESENTE

A cidade de Santarém, localizada no baixo rio Tapajós, tem sido considerada o centro do que vem a ser a “cultura Santarém”. Esse termo na arqueologia refere-se à materialidade das antigas ocupações indígenas encontradas na região, datada entre os séculos XVIII ou IX e XVI, relacionados ao Tapajós (TROUFLARD, 2016). A região tem sido foco de estudo desde o século XIX, sendo a cerâmica a cultura material mais pesquisada.

A cerâmica, para além de estudos arqueológicos, é o artefato que tem sido representado, reinterpretado e reutilizado em demasia, especificamente as cerâmicas marajoaras e tapajônicas. Essas representações estão em atividades voltadas para produção e venda de réplicas, inseridas em espaços urbanos, logomarcas de identidade visual de eventos e de livros, e, mais recentemente, apresentadas nos desfiles das escolas de samba Estação Primeira de Mangueira, em 2019, e Paraíso de Tuiuti, em 2023.

Cristiana Barreto (2020) analisa esses objetos arqueológicos representados como resistentes e cheios de agência. A resistência é vista a partir da persistência temporal desde a sua criação no passado até as reapropriações atuais. Segundo a autora, o processo de resignificação da cultura material arqueológica, de diversas formas e variadas intenções, faz com que essa materialidade representativa da ancestralidade indígena permaneça viva.

A resignificação dos vestígios arqueológicos representada em artesanatos ou nos mobiliários urbanos e disponibilizada para o público em geral é repleta de “simplificação e homogeneização” (BARRETO, 2013, p. 7). Segundo a autora, esse processo faz com que haja um distanciamento das interpretações científicas para essas novas representações. Muitas vezes, há o uso de algum ícone ou símbolo arqueológico em cordões, pulseiras e vestuários, sem possuir, no entanto, algum conhecimento sobre o significado resultante de pesquisas arqueológicas. Esse cenário poderia indicar uma apropriação pública que se desenvolveu ao longo do tempo por diversas interações pessoais junto ao material arqueológico, resultando em um processo de comodificação da herança cultural arqueológica, conforme indica Schaan (2006).

Em Santarém, podemos observar a apropriação de artefatos arqueológicos de diversas formas, tanto por particulares quanto por gestões da prefeitura. São réplicas ou resignificações realizadas para a produção de artesanatos, de vestuário, fabricação de cerâmicas, inserção de esculturas e imagens nos equipamentos urbanos como calçadas e praças.

Um símbolo muito representado é o muiraquitã. Esse é um exemplo interessante, pois se construiu uma associação da cidade de Santarém à figura do muiraquitã⁵, representada em

5 Artefato arqueológico encontrado não somente em Santarém, mas visto popularmente como um símbolo ou amuleto da cidade.

vários equipamentos urbanos da cidade, sendo interpretada como uma possível relação de continuidade cultural da cidade atual com as antigas ocupações indígenas da região produtoras do muiraquitã. Portanto, poderíamos entender esse pensamento como uma “tradição inventada”, em termos pensados por Hobsbawm e Ranger (1984).

Outro fator responsável por promover a tradição cultural santarena, e que possibilitou a realização do presente trabalho, refere-se às réplicas e ressignificações das peças arqueológicas que estão expostas na Praça Barão de Santarém. Essas peças também são elaboradas em conjuntos menores, com fins educativos e/ou comerciais. Algumas são transportadas para outras regiões ou comercializadas na própria cidade, sendo produzidas e exibidas por ceramistas locais, sendo alguns ceramistas alunos de arqueologia da UFOPA.

Na praça, foram utilizados os vasos de cariátides e gargalo, estatuetas tapajônicas e muiraquitãs como inspiração para a elaboração em tamanho ampliado desses elementos na praça. A estatueta da mulher sapo, junto com os vasos de cariátides e gargalo foram feitos para servirem de fontes de água localizadas em pontos diferentes da praça (figuras 4, 5, 6 e 7). Outros elementos são decorativos na praça e utilizados como bancos (figuras 8 e 9).

Figuras 5 e 6 – Representação do vaso de gargalho e do vaso de cariátides



Fonte: Marcela Andrade (2023).

A replicação, por sua vez, teve a intenção de estabelecer relação com o público, ampliando tanto o reconhecimento cultural das peças originais, como a diversidade de usos sobre as peças replicadas. Um exemplo dessa relação entre o conhecimento arqueológico e o público seria a aceitação popular das nomenclaturas: vaso de cariátides e vaso de gargalo, que surgiram após uma classificação tipológica realizada por Frederico Barata (1950) sobre vasilhas decoradas. Apesar dessa aceitação de nomenclatura, observamos ainda uma lacuna na relação entre o público e o conhecimento científico sobre as peças, bem como ausência de ações de socialização do patrimônio arqueológico.

Figuras 7 e 8 – Estatueta Mulher Sapo e banco com muiraquitã



Fonte: Marcela Andrade (2023).

Figura 9 – Estatuetas antropomorfas encontradas na parte leste da Praça Barão de Santarém. Entre 70 e 80 cm de altura



Fonte: Alice Soares (PicsArt) (2019).

AS REPRESENTAÇÕES ARQUEOLÓGICAS NA PRAÇA

Com o objetivo de verificar a intenção e compreender o processo da elaboração das esculturas arqueológicas na Praça Barão de Santarém, foram realizadas entrevistas com os próprios artistas que as elaboraram: Laurimar dos Santos Leal⁶ e Renato Aurélio Carvalho Sussuarana⁷. Também foi entrevistada Cecy Oneide do Nascimento Sussuarana¹², filha de Renato Sussuarana e servidora na Secretaria de Cultura de Santarém.

Laurimar Leal é pintor, escultor, artesão, poeta, cantor e autor de várias músicas. Ele estudou na academia de Belas Artes no Rio de Janeiro e teve reconhecimento no Brasil e no exterior por suas obras de artes; algumas destas estão presentes hoje no museu João Fona. Possui muitas esculturas espalhadas pela cidade de Santarém, tais como as encontradas na Praça Barão de Santarém. Desde 2005, não exerce mais seus ofícios, pois perdeu quase totalmente a visão.

Renato Aurélio Carvalho Sussuarana é artista, escultor e poeta santareno e participou ativamente na construção das esculturas na Praça Barão de Santarém. Fez parte na época da Secretaria de Serviços Urbanos e foi diretor do museu João Fona. Atualmente, se dedica mais à elaboração de poesias, pois devido a problemas de saúde, não exerce mais as atividades de escultor.

Cecy Sussuarana, filha de Renato Sussuarana, é graduada em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade Federal do Pará (UFPA) e especialista em Educação Ambiental pelo Núcleo de Meio Ambiente da UFPA. Atualmente, é servidora na Secretaria Municipal de Cultura da prefeitura de Santarém, exercendo a função de arquiteta.

Nas entrevistas, identificamos que as esculturas feitas na praça foram idealizadas e executadas pelos artistas em 1977. Segundo Renato Sussuarana (2019), elas surgiram a partir de uma demanda da prefeitura de revitalizar a Praça Barão de Santarém. A partir dos relatos, em 1969 e 1970 os artistas fizeram parte da construção da Praça Rodrigues dos Santos, a oeste da Praça Barão de Santarém, e no local encontravam muitas peças arqueológicas; a princípio, a ideia era construir as esculturas nesta mesma praça. No entanto, não se concretizou pela praça ser considerada muito pequena. Então, para a concretização da ideia, eles tiveram o apoio do prefeito Paulo Imbiriba Lisboa, que, de acordo com Renato Sussuarana:

Ele concordou de que a gente fizesse as esculturas lá para simbolizar a nossa cultura passada que muita gente sabia disso, mas não sabia onde tinha [...] mediante isso com medo de se perder e depois não ter mais nenhuma na região, né? Nós resolvemos construí-las em tamanho maior, né? Fazendo aquelas réplicas.

E segundo Laurimar Leal:

Vou fazer isso então no tamanho gigante lá na praça que era pra nosso povo, nosso povo que eu digo é o brasileiro, e não só o brasileiro, mas povo do mundo que quando olhasse a peça sabia que era coisa nossa, daqui, pra poder fazer propaganda da nossa cultura, sabe? Nosso conhecimento.

⁶ Entrevista realizada em 16 de outubro de 2019.

⁷ Entrevista realizada em 13 de novembro de 2019.

¹² Entrevista realizada em 13 de novembro de 2019.

Como bem expressam os relatos, a intenção de fazer as esculturas foi uma forma de mostrar, divulgar a cultura dos povos antepassados da região, identificada nos artefatos arqueológicos, a partir de uma intenção própria dos artistas por suas vivências pessoais. De acordo com Laurimar Leal:

Desde criança que eu aqui em Santarém ia onde e sabia onde era sítio arqueológico, sem saber a palavra, né? A gente dizia aonde tem cerâmica enterrada. [...] quando eu era pequeno eu fazia vasos do nosso barro, pra queimar, sabe? Eu pegava nas peças e fazia iguais, réplicas, sabe?

Esse contato estreito de Laurimar Leal com o material arqueológico presente em seu cotidiano expandiu seu interesse e formação, ao passo que hoje o artista é uma referência de conhecimento e trabalho dos artesões de Santarém.

Também foi notável nas entrevistas que, além da influência empírica, as pesquisas da arqueóloga Anna Roosevelt na região embasaram e influenciaram muito sobre o conhecimento da arqueologia e sobre o processo de divulgação do conhecimento, como comenta Renato Sussuarana:

É um marco na nossa cultura a cerâmica, que é uma coisa que, segundo os testes de carbono 14 (...), é coisa de mais de 10 mil anos, né? Que segundo a própria Anna Roosevelt que é arqueóloga, né? Identificou assim e, por este motivo, a gente foi se estimulando, se inspirando, e porque é um negócio que deve ser valorizado porque faz parte da cultura da região [...]. Uma cultura que se expandiu e que através disso a gente se inspirou, se incentivou, e vamos aumentar o tamanho e pro pessoal, pelo menos vendo isso, começava a tomar conhecimento e a gostar.

No relato, há uma informação equivocada, situação muito comum devido às barreiras de acesso aos resultados das pesquisas. Nesse caso, os resultados foram publicados em inglês, mostrando mais uma barreira, a da língua. As pesquisas de Anna Roosevelt na região de Santarém evidenciaram a datação para cerâmica em torno de 6.000 anos AEC⁸ e para a ocupação humana em Monte Alegre em torno de 10.000 anos AEC (ANDRADE, 2013).

Ao longo do processo de produção e conclusão das esculturas na Praça Barão de Santarém, o único meio de divulgação foi no âmbito da comunicação pessoal e contato com as pessoas que iam ao museu João Fona. Nota-se que apesar das intenções de divulgar conhecimento sobre o material arqueológico encontrado na região, estes não foram supridos, visto que não se tem até hoje placas informativas sobre o que as peças representam, a não ser que as pessoas visitem o museu e adquiram esses conhecimentos. Também não foram elaboradas ações educativas para o público.

Segundo Renato Sussuarana, se referindo às placas informativas: “isso aí seria para um museu a céu aberto pra ter identificação. [...] Mas não tem ainda isso, seria bom um museu a céu aberto”. Como ele bem expressa, tem-se a preocupação em compartilhar conhecimentos sobre as esculturas que fazem parte da cultura de Santarém, mas que não foi realizado nenhum movimento para a divulgação das significações das esculturas.

8 Antes da Era Comum.

A relação maior do público com a praça aumentou com o projeto de revitalização, a qual novos brinquedos e mais passarelas de acessos foram inseridas. Essa mudança não está associada com a inserção das esculturas e outros elementos como formas de conhecimento, pois estes se tornam puramente turísticos.

Segundo Renato Sussuarana:

Foi movimentando mais, então quer dizer com a revitalização da praça, teve mais vida a praça, né? Ali se realizava, além do arraial da igreja do São Sebastião, ali já tivemos festivais de música, era lá que era realizado. Que também a gente não tinha a casa da cultura, né? E mesmo na casa da cultura o espaço era pequeno pra um tipo de festival desse. Tivemos semana de poesia lá, festivais folclóricos bom, dos bom mesmo aqui em Santarém, antes do festival de botos.

Notamos que a relação das pessoas com a praça antes da revitalização está relacionada à função social como um espaço de lazer, diversão e entretenimento. Observamos que o uso do espaço por escolas para usufruí-lo como um local histórico tem sido muito pouco explorado, sendo contextualizado somente no período do aniversário da cidade de Santarém. Segundo Cecy Sussuarana:

Quanto às universidades, principalmente a Universidade Luterana do Brasil que tem o curso de Arquitetura e Urbanismo, aí todo semestre tem aluno fazendo trabalho sobre as praças, né? E sempre a Praça Barão de Santarém é escolhida.

Com o índice crescente de violência, muitas praças perderam sua função social, tornando as pessoas mais reclusas em suas casas. Esse fato não causa muito impacto na Praça Barão de Santarém, devido à instalação de um Box da Polícia Militar, o que não acontece nos bairros periféricos da cidade. Então, percebe-se também um cuidado especial com os espaços públicos das zonas centrais da cidade.

A partir das entrevistas, é perceptível a falta de políticas públicas para a conservação e preservação, bem como aplicação das legislações já existentes a favor do patrimônio cultural, arqueológico e arquitetônico na cidade. Segundo Cecy Sussuarana:

A nossa legislação assim, é muito falha, né? Com relação a essa área aqui, que se a gente for fazer escavação, a gente ainda encontra, né? E aí quando vai edificar era pra ter, a prefeitura exigir que tivesse um estudo arqueológico daquele local. Recentemente aqui na praça foi demolida uma casa, entrou um trator aí, e com certeza devia ter material.

Essa necessidade já tinha sido exposta durante a revisão do plano diretor da cidade em 2017, tendo até a delimitação de uma zona de proteção patrimonial, em que o mapa não foi discutido, então muitos elementos ficaram sem respostas. Segundo Cecy Sussuarana:

Lá na secretaria, nessa gestão agora, o secretário levantou dois conselhos, o de cultura e de patrimônio. No conselho de patrimônio nós estamos fazendo um estudo para nós delimitarmos uma área de preservação, e nós fizemos, estamos fazendo levantamento, identificando edificações pra gente fechar uma poligonal, pra gente trabalhar uma legislação de proteção.

Esperamos que as demandas apresentadas sejam realmente atendidas e que nosso patrimônio dentro dos seus diversos aspectos seja valorizado e respeitado.

A VIVÊNCIA NA PRAÇA

Com o intuito de compreender a relação das pessoas com a praça e as esculturas arqueológicas, foram aplicados um total de dezoito questionários nos dias 04/11/19 e 06/11/19 no turno da tarde, em locais diferentes da Praça Barão de Santarém.

No primeiro dia (04/11), as abordagens foram realizadas próximas ao museu João Fona e arredores, sendo aplicados nove questionários aos mais variados públicos. Neste primeiro dia, houve dois questionários que, particularmente, chamaram bastante atenção. O primeiro foi de um adolescente de 15 anos, que deu respostas similares ao de um artesão cerâmico entrevistado. Ambos revelaram possuir um grande conhecimento sobre a arqueologia de Santarém e defendiam firmemente a preservação dos monumentos para fins educacionais e culturais.

Já no segundo dia (06/11), abordamos as pessoas ao lado da Igreja de São Sebastião, próximo ao ponto de ônibus. A recepção das pessoas foi diferente, pois nessa área da praça as pessoas estão apenas de passagem. Os visitantes vão direto para o espaço de lazer da orla da cidade, ou utilizam o espaço para esperar aguardar o transporte público no ponto de ônibus, ou encontrar conhecidos.

Foram aplicados outros nove questionários nessa área. Chamamos atenção para um estudante sentado próximo à escultura da mulher sapo, que parou e perguntou: “o que eu sinto quando te vejo?”, como se notasse a escultura naquele determinado momento, embora aquele ponto fosse comum na sua rotina. Nessa questão, é necessário acrescentar que, com base nos dados retirados dos questionários aplicados, a média de idade das pessoas que não souberam os significados das esculturas (onze pessoas) era de 15 a 20 anos de idade.

Notamos que as pessoas frequentam a Praça Barão de Santarém por diversas motivações: lazer (14 pessoas); trabalho (02 pessoas); esporte (02 pessoas); fins culturais (02 pessoas); motivos religiosos (03 pessoas); e esperar o transporte público (02 pessoas). Algumas pessoas não reconheciam a praça como um local histórico, salvo algumas exceções, que apesar de poucas, reconheciam cada uma das esculturas projetadas no espaço. A seguir, a tabelas com os dados quantitativos dos questionários:

Tabela1. Relação das pessoas com a praça e as esculturas

TABELA DE RESULTADOS			
DATA	04.11.2019	06.11.2019	TOTAL
Nº de Questionários	9	9	18
Frequentam a praça	7	8	15
Não Frequentam	2	1	3
Acham os ícones importantes	8	9	17
Não acham importantes	0	1	1
Sabem o significado das esculturas	4	3	7
Não sabem o significado	5	6	11
Os ícones representam Santarém	8	7	15
Não representam	1	2	3

Como bem aponta a tabela, ao que se refere em conhecimentos sobre as esculturas, 17 (dezessete) entrevistados acham elas importante, entretanto 11 entrevistados não souberam apontar um significado para elas. E dentre estas pessoas, oito são estudantes com idade entre 15 e 20 anos. Das sete pessoas que responderam saber o significado, apenas uma realmente relatou que uma delas referia-se a um muiraquitã. Os que responderam que sabiam algo sobre a representação, significado, são pessoas mais velhas.

O que é interessante observar é que na descrição sobre a impressão muitas respostas sugerem o próprio significado, anteriormente indicado como desconhecido. Assim, alguns exemplos de respostas foram: “mostra a representação da arte de povos que habitavam essa região em outra época”; “são vasos de gargalo tapajônicos”; “representam Santarém de antigamente”; “identificam a arte tapajônica”. O que exemplifica bem a proximidade histórica e pouco explorada que há entre o público e a cultura material encontrada na cidade.

Sobre a restauração a única pessoa que respondeu saber a razão dessa ação na praça participou ativamente dessa atividade.

Como a maioria dos entrevistados (15 pessoas) afirmaram que os ícones encontrados na praça representam Santarém, podemos considerar que a proposta da gestão da prefeitura e dos artistas envolvidos em construir uma identidade para a cidade foi de “alguma maneira efetiva”. Entretanto, não consideramos tão efetiva assim, pois essas mesmas pessoas não sabem o significado das esculturas, o que mostra a ausência de ações educativas voltadas à divulgação do patrimônio arqueológico da região.

Percebemos que o elemento muiraquitã foi o que mais apareceu enquanto um elemento de identidade, sendo o mais difundido. Sobre a importância da arqueologia para Santarém, destacamos algumas respostas como: “conhecer e valorizar a cultura, história e costumes de um povo”; “resgatar a cultura santarena”; “a busca por nossas raízes”; “conhecer os povos que habitavam aqui”. Isso indica uma clara presença da arqueologia e da história na vivência de aprendizagem dessas pessoas.

Devemos citar também algumas descrições como: “nem as olho”, “não presto atenção” ou “não compreendo”, que tendem a se tornar mais frequentes na vida adulta e na rotina dos estudantes que carecem de projetos escolares nesse intuito.

Por fim, apesar de a maioria dos entrevistados (17 pessoas) já terem visitado mais de uma vez o museu João Fona, que dispõe em sua exposição artefatos arqueológicos, bem como os vasos de gargalo e cariátides, a maioria das pessoas (11) responderam não saber o que as esculturas significavam. Esse é um fato curioso que remete à subjetividade de cada pessoa na experiência museal, mas também uma ausência de mecanismos museais que tornem acessíveis as informações das pesquisas arqueológicas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Consideramos que inserir réplicas ou elementos ressignificados em equipamentos urbanos é muito relevante para a divulgação do conhecimento que contempla a história antiga da cidade. Entretanto, o que observamos nas apropriações executadas em vários exemplos em relação às cerâmicas marajoaras e tapajônicas é um distanciamento e uma perda de significados em relação aos significados resultantes de pesquisas arqueológicas (BARRETO, 2020; BARRETO, 2013; SCHAAN, 2006).

Na Praça Barão de Santarém, as escolhas para a inserção dos elementos referentes aos vestígios arqueológicos, em tamanho aumentado, decorreu da relação dos artistas com o material arqueológico. Por um lado, é interessante, pois a motivação iniciou de pessoas que tinham uma ligação com o material arqueológico, com o desejo de divulgação dos artefatos. Por outro, não fez parte de uma política de divulgação e socialização do patrimônio arqueológico, onde as informações resultantes das pesquisas pudessem ser acessadas pelo público.

Como já relatamos, o elemento de maior destaque tanto nas entrevistas como nas pesquisas realizadas foi o muiiraquitã. Esse amplo reconhecimento talvez seja pelo tão famoso mito das amazonas guerreiras, que alcançariam um público maior pelas crônicas de Frei Gaspar de Carvajal (MEDINA, 1942 *apud* MORAES, *et al.*, 2013). Apesar de o público, em sua maioria, desconhecer os trabalhos acadêmicos que citam o muiiraquitã como um artefato produzido na região, as pessoas já assumiam que esse artefato era produzido em Santarém. Podemos pensar que a interpretação e ressignificação do muiiraquitã e das cerâmicas tapajônicas, figuradas em diferentes formas na sociedade atual, podem ser entendidas como uma tradição inventada ou construída ao longo do tempo na cidade de Santarém (HOBSBAWM; RANGER, 1984).

Para muitas pessoas que visitam a Praça Barão de Santarém, as esculturas não são significantes para suas experiências no espaço. No entanto, para os artistas que as fizeram, como uma comunidade de santarenos que se vê representada, elas são bem mais relevantes, pois intencionam retratar a cultura dos povos indígenas que viviam na foz do Tapajós.

Entendemos que essa pesquisa pode ser considerada um início para a compreensão dessa relação entre o público e a materialidade arqueológica, ressignificada em esculturas no equipamento urbano. Importante notar que o “arqueólogo tem um papel ativo fundamental a cumprir nesta arena de multivocalidade, que envolve a comunicação, a mediação e a tradução do conhecimento arqueológico para os cenários de patrimonialização que se apresentam na Amazônia do século XXI” (BARRETO, 2013, p. 126), fato que não observamos nesse estudo de caso. Diante da complexidade da temática, consideramos relevante a realização de novas pesquisas, trazendo ainda como interface a discussão da necessária participação de arqueólogas e arqueólogos para a produção multivocal dos conhecimentos arqueológicos para a sociedade santarena.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ANDRADE, M. N. de. *Conservação Integrada do Patrimônio Arqueológico: uma alternativa para o Parque Estadual Monte Alegre – Pará – Brasil*. Orientadora: Edithe Pereira. 2012. 231 f. Dissertação (Mestrado em Antropologia e Arqueologia), Universidade Federal do Piauí, Teresina, 2012.
- BARATA, F. *A arte oleira do Tapajós: I - considerações sobre a cerâmica e dois tipos de vasos característicos*. Belém: Publicações do Instituto de Antropologia e Etnologia do Pará, 47 p, n. 2, 1950.
- BARRETO, C. Do teso marajoara ao sambódromo: agência e resistência de objetos arqueológicos da Amazônia. *Bol. Mus. Para. Emílio Goeldi. Cienc. Hum.*, Belém, v. 15, n. 3, 2020.
- BARRETO, C. Corpo, comunicação e conhecimento: reflexões para a socialização da herança arqueológica na Amazônia. *Revista de Arqueologia*, v. 26, n.1, p. 112-128, 2013.
- CANTO, S. A. *Sobre o Centro Histórico de Santarém*. Santarém: edição do autor, 2015.
- FONSECA, W. D. *Santarém, Logradouros Públicos*. Santarém: Instituto Cultural Boanerges Sena (ICBS), 2006a.
- FONSECA, W. D. *Santarém, Monumentos Históricos*. Santarém: Instituto Cultural Boanerges Sena (ICBS), 2015.
- FONSECA, W. D. *Meu Baú Mocarongo: pesquisas, recordações e reflexões sobre a vida histórica e sociocultural santarena*. Belém: SECULT/SEDUC, v. 3, 2006b.
- HOBBSAWM, E.; RANGER, T. (orgs.). *A invenção das tradições*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, ed. 12, p. 9-23, 1984.
- MACEDO, E. J. *O município de Santarém: Sua História, Seus Encantos*. Santarém: Sancopy, Grafórmula, 2002.
- MORAES, C.; LIMA, A. M. A.; SANTOS, R. A. Os Artesões das Amazonas: a diversidade da indústria lítica do Tapajós e o Muiraquitã. In: ROSTAIN, S. (org.). *Antes de Orellana: Actas del 3er Encuentro Internacional de Arqueología Amazónica*. Quito: Instituto Francés de Estudios Andinos, 2013. P. 133-140.
- SANTOS, P. R. *Tupaiulândia*. Instituto Cultural Boanerges Sena/ACN. Santarém: Gráfica Tiagão, ed. 3, 1999.
- SCHANN, P. D. Arqueologia, Público e Comodificação da Herança cultural: O caso da cultura marajoara. *Revista Arqueologia Pública*, São Paulo, n. 1, p. 31-48, 2006.
- SILVA, E. K. REGO, E. S. SENA, H. V. CAMPO, M. R. IMBIRIBA, W. *Praça Pública Barão de Santarém: História e Perspectiva do Logradouro em Santarém-Pará*. Santarém: ed. Independente, 2013.
- TROUFFLARD, J. Cerâmicas da Cultura Santarém, Baixo Tapajós. In: BARRETO, C.; LIMA, H.; BETANCOURT, C. (org.). *Cerâmicas Arqueológicas da Amazônia: rumo a uma nova síntese*. Belém: IPHAN. Ministério da Cultura, 668 p, 2016.